

# A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR

*Michel'angelo Lambertini*

39. Rua' do Jardim do Regedor, 41

EDITOR

*Ernesto Vieira*

SUMMARIO : — Charles Lamoareux — Victor Hussla — D. Leonor Manoel de Noronha (Atalaya) — Cesira Ferrani — Arnaldo Conti — Theatro de S. Carlos — A Beethoven e a Mozart, poesia — Concertos — Noticiario — Necrologia.



CHARLES LAMOUREUX

## Charles Lamoureux

O anno de 1839 não quiz terminar sem deixar assignalada uma sensível perda para a arte musical em França. Charles Lamoureux, o grande chefe d'orchestra, extinguiu-se inesperadamente, quasi de repente, na quinta feira 21 de dezembro.

Foi uma triste surpresa que causou profunda sensação em Paris.

Perdeu a musica de Wagner um dos seus mais activos propagadores, um dos que por ella batalhou com mais ardor, levando a coragem a ponto de n'um dado momento, sacrificar todos os seus haveres.

Nem recuou perante a accusação de traidor á patria, repetida pelo *chauvinisme* exaltado que alguns annos antes a tinha tambem lançado em rosto de Pádeloup.

Hoje que a paixão socegou, se não se extinguiu, póde julgar-se quanto foi grande a tenacidade de Lamoureux defendendo o seu ideal artistico contra o odio, aliás justificado, da França offendida cobardemente por Wagner, grande musico mas mau character. E o julgamento de Lamoureux não pode deixar de terminar por um testemunho de admiração.

Nascêu Charles Lamoureux em Bordeus a 28 de setembro de 1834. Entrou para o Conservatorio de Paris em 1850 onde seguiu os cursos de violino e harmonia. Encorporeando-se como primeiro violino nas orquestras da Opera e dos concertos clasicos, organizou elle mesmo uma sociedade de musicas de camara na qual Edouard Colonne era segundo violino. Mas a sua ambição era ser chefe de orchestra, e depois de varios estudos e tentativas fundou uma sociedade em 1872 para a execução de musica religiosa. Os concertos dados por esta sociedade tiveram um grande exito e deram nome a Lamoureux; em 1875 entrou para chefe da Opera-comica e em 1877 para a Grande Opera. Mas o seu character auctoritario fazia-o desejar a posição de chefe supremo, e por fim abandonou aquelle logar assim como o de segundo chefe dos concertos do Conservatorio, para fundar os celebres Concertos-Lamoureux.

Inauguraram se esses concertos no theatro *Chateau-d'eau* em 3 de outubro de 1871. Foi ahi que Lamoureux, seguindo o exemplo de Pádeloup e levando-o muito mais longe, fez tenaz propaganda da musica Vagneriana, fazendo executar constantemente grande numero de fragmentos e até actos completos das operas do grande mestre allemão, e dando tambem a preferencia

aos novos compositores que o teem imitado.

Em 1887 emprehendeu apresentar em Paris o «Lohengrin», e para o fazer arrendou o *Eden-Théâtre*, fazendo enormes despezas com o scenario; realisou-se a primeira representação, que teve de ser a unica n'essa época, em 3 de maio; o povo de Paris, excitado pelos *chauvinistes*, fez tal assoada nas immediações do theatro que Lamoureux teve de renunciar á sua empreza, perdendo tudo quanto tinha gasto.

Algum tempo depois dirigiu o «Lohengrin» na Grande Opera, que teve então um grande exito.

Este anno tinha organizado uma sociedade para, no *Nouveau-Théâtre*, se cantarem as mais importantes obras de Wagner ainda não ouvidas em Paris, e em 28 de outubro apresentou o «Tristão e Isolda» que teve enorme exito. Ha tres semanas fôra a Berlim inaugurar os novos concertos Lœwens-tein, e voltára a Paris para retomar a direcção dos seus concertos. O anno passado tinha estado em Londres dirigindo tambem uma série de concertos.

---

## VICTOR HUSSLA

O nosso paiz tem — valha o essa virtude se não lhe encontram outra — fama de ser excellente hospedeiro, albergando carinhosamente e recebendo como se fossem seus proprios filhos, os forasteiros que, na esperança de melhor fortuna ou de mais tranquillo viver, aqui chegam e lhe pedem o calor do seu sol e o fructo dos seus campos.

Seremos indolentes, inhabeis, pobres, fracos, ingratos, tudo quanto quizerem aquellas que nos disfructam e por cima nos insultam; mas ainda nenhum d'esses bons amigos se atreveu a lançar-nos o labéo de que faltamos aos deveres de hospitalidade. Seria uma calumnia mais inutil do que as outras, porque não teria credito.

Levingstone e Stanley em Africa abrigaram-se na tenda de Silva Porto; pagaram o serviço obscurecendo a nossa gloria e desacreditando-nos, mas não poderam negar o recebimento da franca hospitalidade que aproveitaram.

Lord Byron teve nos salões de Lisboa um acolhimento tão benevolo que lhe pareceu poder abusar d'elle manchando o lar em que era recebido; o desengano de uma boa tarefa levaram-n'o ao desforço de nos injuriar no *Child'Harold*, mas chamando-nos *immundos* e *vis* não poude chamar-nos inhospitos.

Sempre é certo termos uma qualidade

boa que ninguém nos póde negar. Nem os maiores calumniadores o contestam!

Guardemol-a como joia preciosa e usos d'ella generosamente. Mesmo porque muitas vezes se nos torna immensamente util. Em materia de arte, por exemplo.

Quando a arte está decadente; o ensino mal dirigido, os artistas desanimados ou o gosto do publico pervertido, é auxilio poderoso um artista estrangeiro, educado nas melhores escolas da Europa, cheio de enthusiasmo, de boa vontade e de talento.

Não é n'este caso favor que se lhe faz receber-o de braços abertos, com a alegria de quem recebe um dom inestimavel, uma ajuda indispensavel; dá-se lhe um testemunho de apreço pelo beneficio de que se carece, uma prova de que esse beneficio é merecido por ser comprehendido.

Que não se estimulem os meus caros compatricios e collegas. Tudo e todos teem o seu logar. O mundo é muito largo.

Precisamos de mestres; quem o duvida? São estrangeiros; que remedio?

Se isso é um mal, evitemol-o aproveitando as lições; se ha ou houve entre nós quem podesse ensinar-nos e não o fez, esse é o culpado.

E depois, ha outro meio de attenuar o mal: é fazer, á força de carinho e de generosa confraternidade, com que o estrangeiro esqueça a patria em que nasceu e adopte a nossa como sua, ligando-se a ella pelos laços de amizade e de gratidão.

Os filhos adoptivos são ás vezes os mais extremos. Quantos portuguezes teem illustrado o Brazil? Quantos estrangeiros teem honrado Portugal!

Ha um perigo, não se occulte, no exercicio amplo da hospitalidade; a sua larga sombra tanto póde cobrir o hospede illustre como o aventureiro impostor. Prevenir esse perigo, maior ainda pela frequencia com que se dá, é porém coisa facil: basta ter os olhos abertos; o charlatão revela-se ás primeiras palavras; o homem util patenteia-se nas primeiras acções.

Aquelle deve ser tratado como herva damrinha que pretende haurir os succos necessarios ao nutrimento da boa planta; este deve receber a homenagem devida aos seus serviços e ao seu talento.

Foi o que succedeu com Victor Hussla.

Artista eminente, espirito illustrado, dedicação sem limites, ao vir aqui exercer a sua fecunda actividade não lhe faltaram — e devêmos d'isso ufanarmo-nos — todos os carinhos, respeitos e recompensas que os seus dotes artisticos e pessoasas mereceram.

Tambem não ha memoria que se apague

nem sentimento que se extinga pelo prematuro e pranteado fim de quem tão estimado foi e tantos serviços prestou.

O seu nome ficou vinculado á nossa historia artistica da actualidade, e será sem duvida um dos mais fulgurantes que n'ella brilhem.

\*

Victor Hussla, filho de um excellente violinista allemão, nasceu a 16 de outubro de 1857 em S. Petersburgo, onde seu pae occupava o logar de chefe d'orchestra n'um theatro imperial. Em 1859 sua familia deixou a Russia para voltar a Wurzburg na Baviera.

Desde tenra idade começou o pequeno Victor com as lições de violino. Bem conduzido nos seus principios de artista, recebeu os primeiros applausos ao talento que já revelava, nos salões da baroneza de Stieglitz, esposa do grande financeiro russo que tinha o mesmo titulo.

Esta dama estava então em Wurzburg para tratar da sua saúde e reunia em casa a primeira sociedade. Inspirada de um vivo interesse pelo joven violinista e sabendo que o pae d'este, um artista com oito filhos cuja educação cuidava sollicitamente, devia conhecer as difficuldades da vida, propoz lhe enviar-o a Neufchatel, na Suissa, onde receberia uma educação completa. Ali passou Victor Hussla tres annos (dos onze aos quatorze), durante os quaes fez poucos progressos na musica porque lhe faltava o tempo e a occasião para um estudo serio.

Na idade de quatorze annos e meio voltou á casa paterna, e n'essa época resolveram os paes dedical-o definitivamente á carreira artistica. Comquanto aos dez annos tivesse já executado um concerto de Rode, encontrava-se agora pouco mais adiantado.

Estudou então seriamente a theoria da musica, piano, aperfeiçoando-se ao mesmo tempo no estudo do violino. Seu pae, que para sustentar a numerosa familia empregava todo o dia em dar lições, occupava-se á noite em executar musica com os filhos. Tocavam-se sonatas, trios, quartettos, symphonias reduzidas para piano a quatro mãos e para quartetto, etc. Não faltava nada, emfim, do que é indispensavel para uma boa educação musical.

Aos dezeseis annos fez em publico a sua estreia de artista com o concerto de David, a phantasia russa do mesmo auctor, a phantasia militar de Leonard, o concerto em *lá menor* de Viotti e outras peças mais importantes.

A par dos estudos da musica foi Victor Hussla obrigado a preparar-se para um exame que aos dezeseis annos teem de fazer os

mancebos se quizerem gosar a vantagem de prestar serviço militar só por um anno em logar dos três que a lei determina. Tratava-se então de estudar physica, mathematica, historia, etc. Em outubro de 1876 começou a pagar o tributo de sangue servindo na artilheria onde, submettendo-se a um exercicio de seis semanas, foi graduado n'um posto.

Na paschoa de 1877, já livre do serviço militar, deixou novamente o lar paterno para frequentar por um anno o conservatorio de Leipzig, onde estudou violino com Schradieck e Hermann, theoria com Richter, musica de camara com Reinecke e Hermann. Durante este tempo foi admittido como primeiro violino na celebre orchestra da *Gewandhaus*. Nos exercicios do conservatorio, além da musica de camara em que tomava parte, executou os concertos para violino, de Beethoven, Mendelssohn, Max Bruch, Spohr, etc.

Ao cabo de um anno, por conselho de seus mestres, conservou-se em Leipzig tomando parte na vida artistica d'esta cidade, centro de uma grande actividade musical.

Foi então que acceitou um logar de primeiro violino ao lado do celebre Thomson, em casa do barão Van Dervies, que sustentava só para seu goso uma boa orchestra e excellentes cantores. Realisavam-se ali concertos de primeira ordem e representações de operas italianas, francezas e russas. O barão de Dervies vivia no verão em Lugano e no inverno em Nice, onde tinha castellos esplendidos.

Apesar d'esta vida agradável e interessante, Victor Hussla entendeu que não devia deixar-se dormir; depois de uma persistencia de anno e meio debaixo do ceu azul do meio-dia, resolveu voltar ao seu paiz.

Passou algum tempo em Leipsig, Wurzburg e Francfort sobre o Meno, até que se estabeleceu em Berlim como membro da orchestra na «Sociedade Philharmonica» e como professor de violino. Ahi permaneceu durante os seis annos que precederam a sua vinda para Lisboa, relacionado com os primeiros musicos d'aquelle centro artistico da Allemanha, levando uma vida interessante mas fatigante que não lhe deixava tempo para se occupar de estudos. A sua actividade era toda empregada no exercicio da arte.

Todos os annos fazia digressões pela Allemanha e Hollanda.

(Continua).

ERNESTO VIEIRA.

## GALERIA DOS NOSSOS

D. Leonor Manoel de Noronha

(ATALAYA)



A primeira vez que ouvi este nome foi na bocca amada e de ha muito muda de um professor illustre, e as palavras escolhidas e justas que esse saudoso morto empregou para definir e elogiar a sua grande e dilecta discipula, eram d'aquellas que não esquecem.

Depois foi-me dado o superior e inestimavel prazer de escutar-a eu mesmo, e agora quando penso que podem duas patricias e delicadas mãos tão finas e tão ageis que mal pousam no teclado, mostrar-nos redivivas e frescas as mais bellas, as mais intensas, as mais poderosas paginas de impereciveis genios como Beethoven, de immortaes poetas como Chopin, por uma especie de visão interior, de intuspecção divina, do pensamento dos privilegiados cerebros que as conceberam, bemdigo Deus que permittiu a algumas ideaes creaturas suas dar-nos a illusão do que deve ser o céu...

Prolongar essa illusão, eis certamente a immoderada ambição de alguns, e isso explica por que quando D. Leonor se senta ao piano todos nós desejaríamos que tão cedo se não levantasse...

Mas emfim é mister que, os que da terra somos e n'ella vivemos, abandonemos as elyseas paragens onde por um instante a chama azul do talento nos eleva mas onde, ai de nós, não somos dignos de pairar por muito tempo...

Ah felizes, felizes paes, que podem contemplar na figura tão espiritualizada e tão distincta de uma filha a corporisação dos mais lindos sonhos e a efflorescencia das melhores virtudes, e tudo isto sobredourado pelo clarão sidereo de uma bondade sem limites e de uma intelligencia sem manchas...

AFFONSO VARGAS.

## GALERIA LYRICA



CESIRA FERRANI

Encetamos esta nova secção do nosso jornal com uma apresentação que para nós representa um prazer e para o jornal uma subida honra.

Ha tres annos que Cesira Ferrani pisou pela primeira vez a nossa scena lyrica, conquistando *de prime abord* as sympathias de toda a gente, como mulher e como artista.

Veio depois a *Bohème*, que ella creou em Portugal, e o successo obtido na parte de *Mimi* foi tão caloroso, tão sertido e tão persistente no espirito do publico, ordinariamente versatil e inconstante, que nunca mais ouvimos a *Bohème* sem que alguém nos segredasse do lado: — *Se tivéssemos cá a Ferrani...*

Aqui a temos pois, e a *Arte Musical* não regateará aplausos á insinuante artista que todo o publico adora e que a critica sensata e justa tem sabido apreciar na devida altura.

Cesira Ferrani, na sua curta mas brilhante carreira lyrica tem percorrido as principaes scenas italianas; cantou além d'isso na America em 1894 e 1897, na Russia em 1895, no Cairo e em Alexandria no inverno passado. Foi esta distincta cantora que em 1898 creou o *Ero e Leandro* de Mancinelli, obtendo um verdadeiro triumpho.



ARNALDO CONTI

E' o actual director d'orchestra do Real Theatro de S. Carlos. Não cabe n'estas notas a apreciação do trabalho do distincto maestro, o que irá tratado na secção competente, ao passo que se forem evidenciando os seus merecimentos; a *Galeria lyrica* não tem pretensão a trabalho critico, é simplesmente a apresentação das principaes figuras do nosso primeiro theatro.

Conti é um dos melhores discipulos do illustre Franco Faccio.

Cedo abandonou a doce Italia, atrahido por honrosas e lucrativas propostas e logo nas principaes scenas estrangeiras pôz em evidencia o muito que vale.

Em Paris foi encarregado pelo director do Conservatorio, Theodore Dubois, de dirigir pela primeira vez o seu suggestivo *Aben-Hamet*. Na America do Sul esteve nada menos de dez epochas seguidas, em Buenos Ayres, Montevideo e Rio de Janeiro, dirigindo aquellas grandes companhias em que os nomes de Adelina Patti, Masini, Stagno, Theodorini, Maurel, Tamagno, Kaschmann, brilham como planetas de primeira grandeza.

E' enorme a lista das operas que o maestro Conti tem ensaiado; entre tantas, folgamos vêr as do nosso Keil, que sob a intelligente batuta de Arnaldo Conti tiveram tão grande successo — a *Irène* em Turim e a *D. Branca* no Rio.

THEATRO DE S. CARLOS

Abriu no dia 20 o nosso theatro lyrico com a *Bohème*, de Pucini.

Cesira Ferrani, que entre nós creou ha tres annos a parte de *Mimi*, como em Italia já tinha sido a artista escolhida por Pucini para dar relevo e realce áquelle vulto sympathico da *Bohème*, continua a ser a mesma distincta cantora, de voz afinada, timbre agradável, emissão facil, dizendo correctamente e phraseando com sentimento. E' uma *Mimi* insinuante, que o auditorio applaudiu sempre espontaneamente.

O tenor Bonci, *Rodolpho*, dispõe d'uma bonita voz, bastante volumosa, extensa, de timbre algum tanto argentino, canta com muita expressão e, a todas estas boas qualidades, reúne a de ser afinado. No *racconto* do 1.º acto deu o *dó agudo, de peito*, limpo, sonoro, e subjugou a platéa, que o applaudiu calorosamente e pediu *bis*; d'ahi em deante foi sempre chamado e applaudido nos finaes dos actos.

Martelli já tambem nós conhecemos do anno passado, como um soprano ligeiro de grande utilidade para a empreza; reproduziu a já nossa conhecida e desenvolta *Musette*.

De Luca, um rapaz novo com bonita voz de baritono, e Carozzi, um baixo em identicas condições, são dois artistas em começo de carreira e que, com Cervi e Rossi, muito contribuíram para o bom desempenho da *Bohème*, que foi repetida nos dias 21 e 24.

\*

A 23 foi cantado o *Orpheu* de Gluck, para reaparição da sr.<sup>a</sup> Armida Parsi. Esta opera do velho repertorio classico é d'uma grande responsabilidade para a protagonista; raras vezes o publico, por demasia habituado á opera moderna, wagneriana, supporta de bom grado as simples, embora encantadoras melodias, que, despidas de atavios orchestraes, fizeram as delicias dos nossos antepassados, e são ainda o enlevo d'alguns raros amadores do genero. E a sr.<sup>a</sup> Parsi, que ha dois annos tão justamente apreciada foi pelos nossos *dilettanti*, com o delicioso timbre da sua voz, apenas verdadeiramente conseguiu enthusiasmal-os na celebre aria do ultimo acto, *ché farò senza Euridice?*

Amalia De Roma, uma bonita *Euridice*, com agradável e afinada voz de soprano lyrico, precisa de ser ouvida em outra opera para que devidamente se possa apreciar.

Manfredi, um gordo e louro *Amôr*, pareceu-nos uma comprimaria de utilidade.

O *Orpheu* foi repetido no dia 25.

\*

No dia 26 tivemos o *Werther* por Ferrani, De Roma, Delmas, De Luca, Rossi, etc. Em Lisboa será difficil dar ao *Werther* um desempenho igual ao que este anno tem entre nós.

A sr.<sup>a</sup> Ferrani interpretou o papel de Carlota com as subtilezas requeridas e cantou a sua parte com uma correcção e sentimento dignos de todo o applauso.

Delmas, que o anno passado já tinhamos classificado como um artista de fino quilate, é um *Werther* inexcédível na interpretação do personagem, na ternura com que caracteriza as insinuantes phrases d'amor ou no soluçar desesperado das sentidas melodias do 2.º e 3.º actos. Fez larga colheita de applausos na melodia do 2.º acto: *come dopo il nembro si placa il mar fremente*, que a pedido teve de repetir.

De Roma, uma gentil Sophia, que venceu com certa facilidade os passos de agilidade do 1.º quadro do 3.º acto.

De Luca, muito regularmente na parte d'Alberto; falta-lhe apenas compôr um pouco melhor o personagem e dar-lhe o cunho de seriedade que elle requer.

O *Werther* voltou a ser cantado na noite de 29.

\*

Em 28 a primeira dos *Palhaços*, em que reapareceu o tenor Garulli e foi a estreia do baritono Sammarco e da soprano Jacoby.

Os louros couberam a Mario Sammarco, um novo, com uma esplendida voz de baritono, pastosa, vibrante, dizendo com muita arte e sendo ao mesmo tempo um bom actor. Depois de prolongados e unanimes applausos repetiu o prologo.

Garulli ainda nos mostrou quanto póde um artista que dispoz dos recursos que o tornaram celebre; foi bastante applaudido no arioso e no fim da opera.

A voz da sr.<sup>a</sup> Rosita Jacoby, de timbre um pouco menos claro nas notas medias e graves, não poudé satisfazer por completo as exigencias do auditorio, principalmente ao lado de artistas como aquelles a que acabamos de nos referir. Não deixou todavia de compartilhar dos applausos conferidos aos seus collegas

De Luca, na parte de *Silvio*, evidenciou-se um artista de futuro; disse muito bem o duetto, conseguindo fazer-se applaudir, o que a raros cantores tem succedido em S. Carlos.

Da parte de *Pepe* encarregou-se o tenor Dadda, que tambem pela primeira vez foi ouvido, e que agradou, sendo applaudido na serenata.

Coros bem, dando provas de que foram ensaiados.

Da orchestra detidamente falaremos no proximo numero.

Repetiu-se em 3o.

ESTEVES LISBOA.



## A BEETHOVEN e a MOZART

Offerecido á Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> Condessa de Proença-a-Velha

Em commemoração da

MATINÉE CONCERT CONFERENCE

Depois que o sonhador, o Filho de Maria,  
No céu tepido e azul da doce Gallilea,  
Tirou do seu Amor o Ideal da Nova Idêa:  
Da Alma a flôr se abriu repleta de poesia.

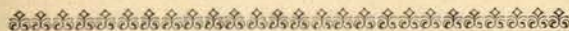
E o espirito de Deus o mundo acaricia  
N'um ósculo de Amôr que os corações enleia;  
E canta-o a selva e o mar em doce melopêa;  
E a musica é no mundo a voz d'essa Harmonia,

O Eterno Orpheu que doma o proprio inferno, e que ha-de  
Trazer a Paz ao mundo e dar calor e vulto  
A fulgidos Ideaes em prol da Humanidade...

S. Paulo e S. João d'um Novo Credo e culto,  
Apostolos do Bem, em nome da Verdade  
Trouxestes para a Luz o Céu que estava occulto!

Lisboa, 18-12-99.

Manoel d'Arriaga.



## CONCERTOS

Foi no dia 14 que teve logar o 46.º sarau musical do *Orpheon portuense*, tomando parte além de Moreira de Sá e seus discipulos, o nosso amigo e laureado barytono D. Francisco de Sousa Coutinho, que foi alvo d'uma lisongeira manifestação de apreço e sympathia. Os trechos que lhe cabiam no programma foram o prologo dos *Pagliacci*, a romanza do *Tannhäuser* e um formoso trecho de Rubinstein, todos acolhidos com estrepitosos applausos.

Como solistas apresentaram-se tambem Freitas Gonçalves no piano e Moreira de Sá no violino.

Um trio de Beethoven, *em si bemol* figurava igualmente no programma e foi executado na integra.

\*  
Em casa dos Srs. Condes de Proença a Velha realisou-se no domingo 17, o *Concert-conference* a que no numero anterior alludimos.

Começou por uma brilhante exposição feita pelo Sr. Dr. Arriaga, em que o illustre homem de lettras descreveu eloquentemente o modo de ser d'essas tribus errantes a que se chamam *ciganos* ou *zingaros* e pintou com a sua palavra fluente e apaixonada a lenda que deu origem á composição poetica e musical que na mesma occasião se exhibia.

Esta ultima, cujo titulo é *Chansons de Miarka*, é devida á penna de Alexandre Georges, o novo organista de S. Sulpicio em Paris e revela notaveis qualidades.

E' para admirar-se, sobretudo a boa divisão metrica, a novidade do trabalho harmonico, o colorido energico e a propriedade da adaptação musical á obra poetica; não tanto a invenção melodica que pecca ás vezes por falta de originalidade.

A execução, confiada á amabilissima dona da casa e á illustre professora Mad.<sup>me</sup> Sarti foi de todo o ponto primorosa e os dois ultimos numeros bisados á instantes pedidos do auditorio que enchia as salas.

\*  
No mesmo dia houve tambem uma *matinée musical* no Atheneu Commercial do Porto. N'esta festa tomou parte D. Francisco de Sousa Coutinho, com a canção da *Carmen* e varias romanzas.

Moreira de Sá e alguns amadores completaram o programma, em que figuravam varios trechos e fragmentos de obras classicas.

\*  
O mesmo Atheneu deu uma nova festa musical na noute de 23. Os solistas foram as Sr.<sup>as</sup> D. Olinda Leão e D. Ida Palhares, como cantoras, a menina Leonilda Moreira de Sá ao piano e o incansavel mestre que é no Porto a alma e vida de todos os empreendimentos musicas, Bernardo Moreira de Sá, tocando dois trechos de violino, a *Tarantella* de Vieuxtemps e as *Peteneras* de Sarasate.

Completavam o programma alguns fragmentos de peças concertantes. Ao piano de acompanhamento, o maestro Roncagli.

\*  
Registramos com o maior prazer uma festa intima, dada hontem por Mad.<sup>me</sup> Rangel Baptista, no seu magnifico Collegio Inglez, para apresentação das alumnas de sua Ex.<sup>ma</sup> filha, a Sr.<sup>a</sup> D. Palmyra Rangel Baptista Mendes, que é, como todos sabem,

uma pianista de grande valor e uma das nossas primeiras professoras.

Além das discipulas, tomaram parte no concerto a illustre professora com o *Concerto em sol menor* de Mendelssohn, sua Ex.<sup>ma</sup> irmã, Mad.<sup>me</sup> Baptista de Abreu, com um *Estudo* de Liszt, Mad.<sup>me</sup> Sarti com trechos de Canto e Mad.<sup>elle</sup> Alice Silva com diversas peças para violino.

E' nos impossivel fazer um juizo da execução dos varios numeros do programma, porque ao tempo de se realizar a festa já o nosso jornal está na machina.

## NOTICIARIO

### Do Paiz

Felicitemos a Real Academia de Amadores de Musica pela aquisição do novo professor de violino e director de orchestra, que ao que nos dizem, é distincto.

A escolha recahiu sobre o sr. Andrea Goni, professor d'um dos Conservatorios do vizinho reino, que chega muito brevemente a Lisboa, para dirigir o primeiro concerto d'esta epoca.

O nosso numero de hoje acha-se enriquecido com uma brilhante poesia do nosso illustre amigo, o sr. dr. Manoel d'Arriaga, que gentilmente nol-a cedeu, para ser publicada no *Anuario Musical* que estamos editando, e que é, assim o cremos, o primeiro annuario d'esta especialidade que se publica em Portugal.

Brevemente o annunciaremos aos nossos leitores; por agora limitamo-nos a agradecer ao mimoso poeta, a gentileza do seu offerecimento.

Está entre nós, de regresso d'uma grande *tournee* artistica no Brazil, e honrou-nos com a sua apreciada visita o nosso amigo e distincto pianista Alfredo Napoleão, a quem damos as boas vindas.

O talentoso artista dará brevemente um concerto em Lisboa.

### Do Estrangeiro

O nosso conhecido Pablo Casals tem estado em Paris, onde, em concertos muito importantes, tem evidenciado o seu alto merecimento de violoncellista *hors ligne*.

No Theatro da Republica (Concerto Lamoureux) tocou em 17 d'este mez o *Concerto* de Saint-Saëns, sendo vivamente applaudido.

No *cartellone* da Scala de Milão, figuram esta epoca alguns nomes nossos conheci-

dos: — a Darclée, Regina Pacini, o tenor Tamagno, Delfino Menotti, Ragni e alguns outros.

A *season* compor-se-ha de 54 representações, entre as quaes figurarão as seguintes operas novas: — *Tosca*, de Puccini, *Eugene Onéguine* de Tschaikowski e *Anton* de Cesare Galeotti.

Escrevem de Milão para um jornal de Trieste, o *Piccolo*:

«Apesar dos desmentidos do illustre Verdi, posso-lhe assegurar da maneira mais formal que o grande *maestro* está a terminar uma nova opera.

Apesar de ser por agora impossivel saber qualquer cousa de positivo ácerca do libretto, pode-se no emtanto prever com todas as probabilidades que a 1.<sup>a</sup> representação d'essa opera terá logar na Scala durante o Carnaval de 1901.

O glorioso velho, que n'esta epoca costuma residir em Genova, acha-se ainda em Busseto, aonde mandou chamar por diversas vezes Boito, Julio Ricordi e o proprio Tito Ricordi».

## NECROLOGIA

Na idade de 82 annos falleceu em Nowograd (Lithuania) o decano dos concertistas de piano, Antonio de Kontski.

Tinha nascido em Cracovia, em 27 de outubro de 1817 e emprehendeu, desde a sua primeira juventude, *tournees* gigantescas.

Mesmo na epoca em que brilhavam na primeira plana os nomes de Liszt, Chopin e Thalberg, conseguiu Antonio de Kontski fazer sensação, pela maravilhosa virtuosidade de que dispunha.

Escreveu mais de 300 obras para piano e entre ellas o famoso *Reveil du Lion* que estava no repertorio de todos os pianistas ha 30 ou 40 annos. A sua *Grande polonaise*, e o *Souvenir de Biarritz* tambem foram trechos muito tocados.

Quasi ao mesmo tempo que em Paris se extinguia *L. amoureux*, finava-se em Bruxellas outro illustre musico defensor da musica wagneriana, Joseph Dupont. Violinista distincto, discipulo de Léonard, e harmonista consummado, não quiz ser concertista nem compositor para se dedicar inteiramente ao ensino e á carreira de chefe d'orchestra.

Exercia estas funcções no theatro da *Monnaie* de Bruxellas e dos Concertos Populares, ao mesmo tempo que regia a cadeira de harmonia no conservatorio da mesma cidade.